

A VIOLÊNCIA ESCOLAR E SEUS REFLEXOS NO CORPO DOCENTE E DISCENTE

*Selson Garutti*¹
*Luiz Henrique Begnossi*²

RESUMO: A presente proposta de pesquisa consiste em compreender as motivações da violência, culminando em violência escolar e posteriormente seus reflexos apresentados tanto pelo corpo docente quanto pelo corpo discente. Tal proposta tem por inspiração os livros escritos por Flávia Schilling, “A sociedade da Insegurança e a Violência na Escola”, e por Jean-François Blin, “Classes Difíceis: Ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares”, que difundem o tema da violência escolar com veemência e astúcia. No entendimento desta proposta temática está a ideia de que a violência escolar se encontra em constante crescimento e que suas consequências afetam tanto professores quanto alunos fazendo com que a instituição escolar vá se deteriorando e distanciando de seus objetivos prioritários e de sua função socializadora que é educar e construir. O conceito de violência escolar aqui empregado diz respeito a toda e qualquer atitude que vai além dos limites e escapa das previsões prejudicando a comunidade escolar ou contribuindo para que essa se distancie de seu estado estável. Nesse sentido, foi retratado o conceito de violência e de violência escolar além dos reflexos da violência tanto no corpo docente quanto no discente, esperando, assim, contribuir para essa discussão tão necessária e atual.

PALAVRAS-CHAVE: Violência escolar. Docente. Discente. Comunidade escolar.

1 Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Especialista em Pesquisa Educacional pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica (PUCSP). Docente do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Maringá, PR - Brasil. E-mail: selsongarutti@hotmail.com e/ou sgarutti@cesumar.br

2 Licenciado em Biologia pelo Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Docente de Ciências Biológicas pelo Estado do Paraná. Colégio João XXII - Maringá, PR - Brasil. luizbegnossi@hotmail.com e /ou lbeignossi@bol.com.br

SCHOOL VIOLENCE AND ITS REFLECTIONS IN TEACHING STAFF AND STUDENTS

ABSTRACT: The present paper aims to understand what motivates violence, culminating in school violence and, later, its effects shown on both faculty and students. The proposed study is inspired in the books written by Flávia Schilling, "A sociedade da Insegurança e a Violência na Escola", and by Jean-François Blin, "Classes Difíceis: Ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares", both firmly and cunning spreading the subject of school violence. Within the understanding of the proposed theme lies the idea that school violence is persistently growing, and its consequences affect both faculty and students. This process causes the institution to deteriorate and distance its main goals and socializing function, which is to educate and to build. The concept of violence here used is related to every attitude that goes beyond limits and escapes forethoughts, jeopardizing the school community or causing it to distance from its stable state. Thus, the concept of school violence and its effects are here exposed, so as to contribute with such a necessary and current discussion.

KEY WORDS: School violence. Teachers. Students. School community.

INTRODUÇÃO

Enfrentar problemas relacionados com a violência é algo com que os membros da comunidade escolar estão se habituando. A banalização da violência já chegou à comunidade escolar e algo deve ser feito para que a sociedade perceba que a escola centraliza seu objetivo na educação. No ambiente escolar as crianças aprendem a se relacionar umas com as outras, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, auto-estima e segurança, mas a violência interfere na sensação de segurança do aluno, comprometendo a ação pedagógica e a satisfação em aprender. Degradação dos locais, coação, violência física, entre outros tipos de violência, são algumas situações que a comunidade escolar tem de enfrentar no seu dia a dia. Situações deste tipo estão por se tornar normais nas instituições de ensino.

Verifica-se que a instituição escolar vem perdendo sua prioridade transformadora de personalidade e caráter, e vem sofrendo diversos tipos de violência como vandalismo e depredações, tornando-se um retrato do crescimento desordenado desta mesma violência.

Casos de violência nas escolas vêm sendo constantemente noticiados na mídia, sendo dos mais diversos tipos, e que acabam sendo banalizados pela sociedade. Segundo Lima (2008, p. 11):

Esta violência vem sendo destacada pela mídia e é objeto de estudo em várias áreas de conhecimento, sendo um tema sentido pelas pessoas em seu cotidiano, fazendo parte do imaginário social, onde os sujeitos se veem englobados, muitas vezes sem percepção deste fato.

A escola é um local de aprimoramento intelectual, de obtenção de conhecimento e vem sendo bombardeada por atos de violência vindos de todas as partes. Segundo Aquino (1999), se um dos objetivos da educação escolar é promover a cidadania dos alunos, assumiremos que ela é também espaço para a construção da cidadania ativa e solidária dos educadores. Na escola, se tem muita experiência de vida, relacionamentos e trocas culturais, um convívio social intenso, e como em todo convívio social, existem ali as diferenças de caráter e de personalidade, que geram conflitos que podem acabar em violência, segundo Bordieu (2007), a cultura que une é a mesma que separa e que legitima as distinções.

Ao tratar de violência, a impressão que se tem é a de que se trata apenas de agressão física, mas não é só isso, estão aí incluídas as pequenas incivilidades. A violência pode ocorrer de várias formas e nos mais variados aspectos: pode ser uma humilhação física ou moral, e ocorrer de forma direta ou indireta; pode ser de forma grave ou de forma mais amena; independente da situação, todos somos vítimas da violência, seja ela explícita ou implícita, real ou simbólica e assim, por vezes, a refletimos esta violência na sociedade. A violência é, segundo Schilling (2004, p. 37), “uma força que provocou uma ruptura em um mundo considerado estável e regular”.

As pequenas situações de violência que ocorrem no dia a dia escolar são as que mais perturbam a ordem natural das coisas. São micro-violências que se repetem constantemente, e essa perturbação é seguidora da comunidade escolar em geral, tanto docentes quanto discentes são simultaneamente vítimas e agressores, na medida em que absorvem e refletem a violência na comunidade escolar, parecendo assim, um ciclo sem fim.

Segundo Aquino (1999), a violência escolar deve ser combatida com cidadania, respeito e solidariedade, assim, as pessoas podem reduzir bastante a violência escolar, quebrando um modelo de violência em resposta ao conflito e difundindo um novo modelo de relações que implica o acordo, o consenso e a responsabilidade.

Não é de hoje que se tem notícia de violência no ambiente escolar. Antigamente a escola era rígida e autoritária, o que, segundo Fernandes (2006), foi uma das heranças transitadas da cultura romana à pedagogia cristã que, sem dúvida, era uma forma de violência contra os alunos, e estes por sua vez, sentiam-

se oprimidos e pressionados, refletindo a violência no âmbito escolar. Também Schilling (2004), afirma que se deve tomar consciência de que a violência escolar alcançou patamares muito altos durante os últimos anos. As escolas por não terem a centralidade no ensinar e aprender ficam mais parecidas com prisões, e em prisões existem rebeliões, sendo assim, clama-se por polícia, pela mediação da autoridade do ministério público, do judiciário, parece que os conflitos não podem mais ser tratados pedagogicamente.

Segundo Blin (2005) as perturbações do cotidiano escolar não podem ser banalizadas, pois com isso cria-se uma ideia de normalização da violência, mesmo que seja a micro-violência, o resultado de uma repetição de perturbações menores se dá ao fato de que esses conflitos não têm perspectiva de solução, ou seja, a impunidade faz com que a violência continue sem a preocupação de quem a comete.

Devem-se prevenir segundo Aquino (1999), os episódios de violência tratando-os antes que tomem proporções que coloquem em risco as pessoas e o ambiente escolar. A prevenção se faz necessária, mas não vai solucionar o problema, uma vez que a violência se encontra em todos os ambientes e o reflexo da violência extra-escolar irá refletir dentro da escola, já que a escola é o reflexo da sociedade. A criminalidade se manifesta de forma evidente nas imediações da escola. Esses ambientes se tornam, então, palco de conflitos constantes que acabam por fazer parte do cotidiano escolar. A comunidade escolar não se sente protegida com todos estes problemas ao seu redor, estes problemas acabam em conflitos, contradições e arbitrariedades e por vezes a comunidade escolar não tem preparo para lidar com estes tipos de situação e o reflexo da violência faz com que o ensino e as práticas pedagógicas sejam prejudicados.

Por isso, faz-se necessário esse estudo sobre a violência, tendo como objetivo os reflexos da comunidade escolar, pois, segundo Schilling (2004), a escola ainda é vista como sendo a instituição que constrói a democracia, potencializando os talentos existentes e se constituindo como promotora de justiça.

2 VIOLÊNCIA ESCOLAR E SUAS DEFINIÇÕES

2.1 Definições de Violência

Desde a antiguidade os povos já conviviam com a violência. Segundo Marra (2007) a história da humanidade atesta que atos de violência concreta – agressões verbais, físicas, inclusive mortes, ou ainda depredações ao patrimônio social – sempre estiveram presentes na trajetória do homem, e segundo Parrat-Dayan

(2008), a escola não está isolada da sociedade, muito pelo contrário, a escola reproduz os problemas da sociedade só que em uma escala menor. Segundo Koller (2004, p. 377):

A violência pode comprometer o desenvolvimento da criatividade, autonomia, independência, confiança e empatia, dificultando o estabelecimento de relações intra e interpessoais saudáveis. Dessa forma, a violência é um grave problema social e de saúde necessitando de intervenções eficazes.

De acordo Schmid (2007) é fundamental o entendimento de que existem várias expressões da violência no meio escolar, assim como uma multicausalidade, à qual se vinculam determinadas expressões da violência. A violência se mostra de várias formas e nos mais variados aspectos, segundo Bingemer (2003) há dois tipos de violência: a violência direta, que é quando vemos a ação, quem a pratica e o resultado dela e a violência indireta, na qual vemos apenas o resultado das ações, mas não sabemos quem a está produzindo.

Segundo Bordieu (2007), a violência é a imposição ou dominação que contribui para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra. Já no dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004) a violência é definida como qualidade ou caráter de violento, ação violenta, ato ou efeito de violentar, opressão, tirania, constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, e, segundo o dicionário Michaelis (1998) violência também é entendida como qualidade do que atua com força ou grande impulso, força, ímpeto, impetuosidade, opressão, tirania, Intensidade, veemência, irascibilidade, qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa.

Conforme Schilling (2004), a violência está associada a uma força que em si não é boa nem má e sim uma força que foi além dos limites e que escapou das previsões, é uma força que provocou uma ruptura em um mundo considerado estável e regular, portanto para o entendimento desta proposta temática, irei considerar o conceito de violência proposto por esta autora para discutir a violência escolar e seus reflexos.

2.2 A Violência nas Escolas

A violência tem sido tema em diversas discussões pelo Brasil a fora. As suas diferentes manifestações refletem em toda parte na sociedade, de acordo com Arrieta et al (2000), o debate sobre a violência tem assumido posição prioritária na pauta da sociedade. Outrora, reservada à violência oficial, imposta por um regime autoritário, hoje, estende-se por todos os setores da sociedade.

Na escola não é diferente, o reflexo da violência estende-se ao ambiente escolar, fazendo com que o ensino e as práticas pedagógicas sejam prejudicados. Segundo Arrieta et al. (2000), a escola abriga relações sociais com características próprias, individuais e de classe, tornando-se assim um espaço de trocas, de vivências e experiências, assim como também de conflitos, contradições e arbitriadades, e essas relações não deixam de compor o reflexo de uma estrutura maior. Segundo Dornelles (2004, p. 218):

A violência não se manifesta somente através de atos de agressão física, mas através de uma violência simbólica que se evidencia através da falta de acolhida do aluno, o ensino como desprazer, relações de poder hierarquizadas entre professor e aluno, negação das diferenças individuais, de classe/gênero/ raça e do contexto social que o aluno está inserido, negação de identidade e satisfação profissional do professor, uso de sanções punitivas, não incorporação dos valores no ensino, entre outros indicadores.

A comunidade escolar tem tentado controlar as várias formas de violência que se encontra em seu interior, mas nem sempre é possível contê-las, segundo Parrat-Dayan (2008) quando as regras dentro da escola não são explicitadas, os alunos elaboram diferentes formas para contornar a lei e ficar dentro do sistema, mas o desrespeito as regras termina em indisciplina ou violência.

A escola de hoje, ao inverso de sua função socializadora, está se colo- cando cada vez mais isolada da comunidade que a cerca, através de várias medidas de proteção tomadas para conter a violência em seu interior. (MARRA, 2007, p. 26)

A escola precisa achar um meio termo entre imposição de regras e liberdade, segundo Guimarães (2005), se a escola não pretender uma homogeneização ela deixa de controlar a violência que, exacerbada ou reprimida, transforma-se numa força unicamente destruidora, força essa que traz um desenvolvimento negativo ao ritmo escolar, mesmo quando empregada em pequenas situações que podem fugir ao controle e a normalidade, não podemos deixar que os tipos de violência sejam banalizados, tornem-se casualidade ou algo normal dentro da escola, “o fato de provocar insensibilidade perante a violência é uma forma de gerar violência”. (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 61). De acordo com Araújo (2004) a escola, conceituada como um espaço democrático, deve tratar mais de perto esse assunto tão presente no cotidiano de seus alunos e na vida dos próprios agentes educacionais.

Dentro da escola pode-se perceber a violência a partir de diversos enfoques, desde o sistema escolar conservador e autoritário e seus reflexos na direção escolar, passando a ser visualizada também nos professores e funcionários e consecutivamente nos próprios alunos. Segundo Blin (2005) os problemas escolares resultam de infrações à ordem habitual das coisas, e são essas perturbações as mais problemáticas para a comunidade escolar que a vivenciam cotidianamente. De acordo com Marra (2007, p. 26):

O crescimento da violência dentro da escola e para com ela – quebra quebras, agressões físicas, morte e ameaças de morte – tem provocado reações e contra reações que só fazem priorizar o conflito, realimentando um processo que instaura a insegurança nos alunos, professores e demais profissionais que nela atuam, impedindo-a de cumprir seu papel de educar e construir.

A violência dentro do ambiente escolar tem se tornado exacerbada e banalizada, seus reflexos vêm destruindo o convívio entre os que atuam em seu interior. Situações humilhantes, e por vezes perigosas, tornam o dia a dia escolar uma luta exaustiva e dolorosa, tanto para o corpo docente quanto ao discente. Estresse, irritações, emoções violentas, pressão, estão presentes em todos os cantos aflorescendo de uma forma assustadora.

No cotidiano escolar a violência aparece constantemente, mas nem sempre é discutida de maneira aceitável, segundo Teves (1999) se, por um lado, a violência aparece como uma preocupação no cotidiano do trabalho pedagógico, por outro lado, a enorme complexidade desse problema e a assustadora realidade levam, em princípio, a sua negação. Essa negação leva a problemas mais graves, pois, com a negação não expomos o problema e, a comunicação é o meio de se chegar à resolução do conflito, negando a existência deste conflito não o resolvemos. Todo ato violento deve ser relatado tanto por parte do docente quanto por parte do discente, pois é com a denúncia e exigência de soluções que praticamos a cidadania e é por meio da cidadania que devemos lutar por um ambiente menos violento nas escolas.

3 REFLEXOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

3.1 Reflexos da violência no corpo docente

A educação mudou para todos os seus atores, mas talvez, para o docente tenha sido uma mudança mais dolorosa. A juventude vem se transformando de

forma muito rápida, o desrespeito e a indisciplina tornou-se parte do cotidiano dos jovens e essa forma de agir afeta diretamente o docente em sua profissão, pois tem de lidar com os jovens diariamente dentro da sala de aula. De acordo com Blin (2005, p.13):

As últimas décadas foram marcadas por uma forte aceleração das mudanças, sejam evoluções tecnológicas, econômicas, socioculturais ou políticas. As mutações e as crises que agitaram o mundo escolar ocorreram rapidamente, romperam equilíbrios, balançaram certezas, transformaram representações e práticas profissionais. Desde então, certas ambigüidades, e até mesmo contradições, da instituição escolar foram explicitadas [...]

Essa mudança apresentada por Blin trouxe consigo várias situações de problema no âmbito escolar, entre uma delas a violência, que de acordo com Gotzens (2003), mais cedo ou mais tarde aparecem na cena escolar, e isso faz com que a sociedade em geral, se preocupe com este tipo de violência, a violência no cotidiano escolar.

Esta violência se concentra, entre o corpo docente e discente, são eles os responsáveis pela disseminação de seus reflexos dentro da comunidade escolar, e essa violência pode ocorrer de várias formas e nos mais amplos aspectos, desde formas pequenas até formas mais graves, “há uma produção social da violência notadamente nas diversas instituições” (LA TAILLE, 2002, p.21), o que inclui a escola.

Atualmente a convivência nas escolas vem se tornando uma questão preocupante para quem trabalha com educação. Muito tem se falado sobre a responsabilidade da escola sobre a educação das crianças e adolescentes. Segundo Medeiros (2004, p. 47) a escola, além de ter a função de ensinar o conhecimento sistematizado, assume a responsabilidade de desenvolver as habilidades sociais que eram considerados cargos da família, transferiu-se para a escola o que antes era responsabilidade dos pais, o dever de educar socialmente para o convívio e o respeito mútuo.

Por conta disso os profissionais da educação passam por grandes dificuldades perante alunos que, por motivos diversos, se encontram em confronto com as leis e regras da escola e assim a relação professor-aluno torna-se difícil perante os acontecimentos desse tipo, segundo Blin (2005), os jovens, segundo suas características pessoais, suas experiências escolares anteriores e suas dificuldades sociais e familiares, apresentam condutas (recusa escolar, incivilidades, violência, etc.) que geram nos professores sentimentos de impotência e inutilidade.

O estresse vem tomado conta do ambiente escolar, uma vez que atitudes de indisciplina vêm se repetindo constantemente, “a passividade, a agitação, a bagunça, os desvios de linguagem, as humilhações, as provocações, etc., criam condições propícias para o surgimento de tensões nervosas e de estresse profissional” (BLIN, 2005, p. 18). Esses problemas fazem com que o ensino perca em qualidade e com que os professores desistam de dar aulas ou que se readaptem saindo de sala de aula, pois “o professor por não conseguir mudar a situação de indisciplina, pode sentir-se humilhado, e em decorrência, manifestar atitudes de desânimo e falta de motivação”. (TARDELLI, 2003, p. 68). Isso tudo já seria motivo suficiente para que transtornos patológicos tomassem conta do docente, depressão, ansiedade, desestímulo são alguns problemas que atitudes humilhantes como as que os docentes passam diariamente, acarretam.

Estas situações por vezes passam despercebidas dentro de uma escola, às vezes por vergonha, ou medo os profissionais da educação não denunciam e guardam para si esses fatos. De acordo com Antunez et al. (2002, p. 23):

[...] a maioria dos conflitos que ocorrem da porta para dentro das salas de aula os professores não comunicam a seus colegas. Até mesmo quando são atos graves, como pequenos roubos, danos no material escolar ou no prédio, agressões entre alunos, etc., a tendência é não dar importância a esses acontecimentos, escondê-los, sobretudo se o professor em questão sente-se capaz de ter o controle da classe.

Vários tipos de violência ocorrem no âmbito escolar, e por vezes são escondidas por quem sofre, ou seja, não se procura a solução para que isso acabe “parece que todos vivem uma conspiração de silêncio sobre a violência no cotidiano da escola” (ALÉSSIO, 2007). Segundo Gotzens (2003), os professores não recebem uma formação adequada para enfrentar os problemas de disciplina escolar, o que, como é de se supor, contribui para piorar a situação.

Os professores chegam à escola com o intuito de ensinar, trazer uma mudança intelectual na vida do aluno, mas muitas vezes encontram dificuldades impostas pelos discentes, algumas situações que eles não teriam imaginado encontrar, pois segundo Perrenoud (2001) é impossível preparar-se detalhadamente para tudo que pode acontecer em sala de aula. Esse tipo de situação faz com que o docente acumule rancor de suas atividades, e este acúmulo de rancor faz com que o profissional se abale, comprometendo a realização das atividades pedagógicas nas escolas, o que se torna inadmissível uma vez que a responsabilidade do docente é dar uma educação de qualidade aos discentes. Mas por vezes me pergunto como o docente pode aguentar toda essa violência e continuar lecionando de forma satisfatória?

Muitas vezes os problemas são de conhecimento público e a solução ainda assim demora a chegar, segundo Nogueira (1996) infelizmente, é de se admitir que não adianta conhecer profundamente a problemática do menor e apresentar soluções, se o indiferentismo dos responsáveis e da própria comunidade não chega a ser sensibilizado para que algo de positivo seja feito em seu benefício, e ainda diz que as autoridades não desconhecem a gravidade do problema e que o assunto vem sendo debatido amplamente por especialistas, mas muitas vezes as conclusões obtidas não encontram a receptividade necessária de nossos governantes.

Entretanto, não é somente com estresse que o professor reage a violência absorvida na escola, segundo Blin (2005), os principais problemas escolares causados pelo docente são: indiferença; rejeição; suspensão temporária; autoritarismo; desrespeito e humilhação, entre outros. Essa seria uma forma do docente se proteger do impacto que a violência tem sobre ele, sendo assim, o reflexo da violência de forma concreta, impondo seu modo de ser e se fazer “respeitado”, conforme Beaudoin (2006, p. 22) cita, “apesar de nossas melhores intenções e de nossa postura mais sincera contra a agressão, somos todos socializados a pensar na agressão como uma solução”. Isso se dá, pois nossas decisões são, frequentemente, influenciadas pela nossa cultura. Por vezes nossa cultura de resolver os problemas da forma mais fácil fala mais alto. Por que tentar resolver o problema em longo prazo incutindo uma relação de respeito e cidadania se posso resolver a curto prazo me transformando numa pessoa autoritária e indiferente? Essa forma de pensar tem de ser revista e essa cultura de resolver as coisas da maneira mais fácil deve ser repensada, pois, nem sempre a maneira mais fácil é a mais correta e a falta de democracia que este tipo de atitude reflete é prova disso.

3.2 Reflexos da violência no corpo discente

No início do século XIX alguns pedagogistas se fundamentavam na dor física para aprendizagem ser mais eficaz, “a punição através do castigo corporal era o instrumento de docente para disciplinar e impor obediência” (FERNANDES, 2006, p. 15), e como consequência os alunos viviam em constante pressão e temiam ser repreendidos pelos professores, se calavam diante da repressão e não tinham o desrespeito com o docente. Segundo Parrat-Dayan (2008, p. 58), “antes os alunos violentos ficavam nas ruas ou eram expulsos, na sala de aula reinava uma paz absoluta, por que a repressão era tão severa que os alunos não se atreviam a transgredir as normas”. Essa era uma maneira violenta com que se tratava o aluno antigamente. Mas as coisas mudaram e “atualmente a violência

escolar é principalmente a violência entre alunos e a violência de alunos entre si próprios". (AMARAL, 2006, p. 13)

O corpo discente da comunidade escolar talvez seja a que mais sofre as consequências da violência escolar, devido a sua imaturidade e inexperiência. Por vezes não sabem como agir ou se esquivar quando a violência atinge sua realidade, o que faz com que reflitam essa violência no ambiente escolar. Os alunos não sofrem violência apenas no ambiente escolar, mas na maioria das vezes a exprimem no mesmo.

A violência compromete o desenvolvimento do aluno, que vivendo no meio da violência acaba achando que isso é uma coisa normal e não tem pudores de demonstrar sua agressividade. Segundo Blin (2005) as principais violências que os discentes comentem na escola são: passividade, indiferença ao ensino; agitação e bagunça; mentira; indecência; furto; agressividade; chantagem e ameaça verbal; racismo; tráfico; degradação dos locais; brigas; entre outros. Isso mostra como a realidade escolar está deturpada, reforçando o medo e fazendo com que todos se sintam inseguros com estas perturbações cotidianas.

Há também o discente que não tem noção dos atos violentos cometidos por ele, pois, por ser comum em seu meio, sua percepção de violência fica deturpada.

Sabe-se que abuso físico pode gerar déficits na competência social dos indivíduos, afetando sua percepção das relações inter pessoais que são consideradas ameaçadoras e hostis. Dessa forma, a criança vítima de abuso físico pode apresentar dificuldades para discriminar situações que ofereçam ou não risco pessoal, reagindo quase sempre com comportamentos agressivos. (KOLLER, 2004, p. 373)

Assim, conforme afirma Koller (2004, p. 373), uma criança com um déficit na competência social, pode trazer grandes problemas para a comunidade escolar, por não se situar dentro do mesmo contexto que os demais alunos geram a violência com que é acostumado e transmitem isso aos demais alunos, começando aí um ciclo de violência.

Como já dito anteriormente, a violência está em todos os lugares, e os alunos as sofrem de várias formas, de acordo com Arrieta et al (2000), o motivo principal desencadeador de manifestações agressivas em determinados alunos, estaria relacionado, principalmente a problemas familiares, ou seja, essa violência sofrida em casa, pela família é trazida ao ambiente escolar, Arrieta et al ainda conclui dizendo que o universo familiar em crise tenderia a refletir nos estudantes e estes reagiriam através de atos violentos. Mas não é só de casa que o aluno traz a violência consigo. Existe uma série de cobranças feitas pela própria escola

sobre o rendimento escolar e o futuro profissional, que faz com que os alunos se sintam pressionados a não fracassarem, mexendo com suas cabeças e deixando-os confusos. O fracasso escolar ganha o peso de uma autodestruição e os alunos que a vivem têm a sensação de anularem-se a si próprios, isso faz com que os alunos se sintam menosprezados perante a comunidade escolar gerando por vezes atos de violência, “a violência contra a escola e os professores é ao mesmo tempo um protesto não declarado e uma maneira de construir sua honra e sua dignidade contra a escola”. (DUBET, 2003, p. 42)

Os alunos que vivenciam a violência extra-escolar vê a escola, segundo Teves (1999), como um lugar diferenciado, com normas, regulamentos, linguagem e símbolo próprio, levando o conflito até esse ambiente. De acordo com Bragança (2008), a escola, por ainda estar ancorada em suas pré-concepções, principalmente em relação à posição que ocupam seus atores, enfrenta também sua crise particular, que envolve aspectos como a autoridade e a sua funcionalidade, uma escola muito rígida em seus princípios também pode falhar para conter a violência, uma estrutura rígida faz com que os alunos se desdobrem para impor seu estilo de vida a aquele ambiente, segundo Parrat-Dayan, (2008) quando as regras não são explicitadas e são incoerentes, os alunos elaboram diferentes estratégias para confrontar a lei e ficar dentro do sistema. O desrespeito às regras termina em indisciplina ou violência.

Problemas comportamentais de alunos são constantemente visualizados no ambiente escolar, a indisciplina, brigas, ameaças, insolência, degradação dos locais, furto entre outros são constantemente notificados na escola, “muitas vezes os alunos que apresentam problemas comportamentais na escola apresentam um conjunto muito limitados de resposta, que conduzem ao conflito com outros alunos e outros adultos. (ALSOP, 1999)

Várias são as consequências para os discentes da violência no ambiente escolar, segundo Dornelles (2004), a expulsão ou evasão escolar, absenteísmo, desmotivação nos estudos, são algumas delas.

4 LIDANDO COM A VIOLÊNCIA

É difícil discutir sobre violência escolar, pode-se questionar sempre as falas que são fracas ou insignificantes. Este é um problema que persegue a escola a muito tempo e seria prepotência apontar uma solução para ela, uma vez que especialistas de toda parte do mundo discutem sobre este tema há anos sem achar uma solução efetiva. O que se pode fazer é indicar possíveis alternativas que podem amenizar este problema para que a prática educacional seja mais tranquila e efetiva.

A maioria das perturbações na escola não são graves, segundo Blin (2005) são pequenas incivilidades como agitação, recusa escolar, bagunça, autoritarismo, mas a sua repetição torna a situação por vezes, muito difícil. Deve-se achar uma maneira de intervir de uma maneira que se obtenha um valor educativo favorecendo o respeito às regras.

O desafio da educação é ensinar a comunidade escolar a viver e cooperar com outras pessoas que não foram escolhidas por nós. Aprender a viver no estabelecimento escolar é aprender a viver em sociedade, e a experimentação é melhor forma de agir neste sentido. A aprendizagem por meio da experimentação, do exercício da prática dos valores sociais, do respeito, da honestidade, da responsabilidade, enfim, dos valores pessoais de todos nós.

O ponto de partida inicial seria detectar as várias dimensões da violência: a socioeconômica, a familiar e a institucional. Segundo Schilling (2004), com base neste reconhecimento é possível criar respostas diversas. Dessa verificação inicial é que deverão sair as linhas de ação, as prioridades, as possibilidades de intervenção. Mas quem pode ser parceiro da escola nesta tarefa? Com quem contamos internamente e externamente?

O direito a segurança, a uma vida e a uma escola sem violência é uma construção que envolve muitos parceiros e responsabilidade de muitos setores como os professores, alunos, funcionários, pais, órgãos públicos enfim a sociedade em geral.

A grande responsabilidade de todos nós é compreender esta complexidade das questões sociais e instrumentalizar sua ação, estabelecendo onde começar e qual a prioridade. Essas questões são muito pertinentes na educação. Esta ação não pode ser feita sozinha, todos têm sua parcela de culpa absorvendo e refletindo os diversos tipos de violência dentro da instituição escolar e, portanto todos têm que ajudar.

Não apenas a sociedade e a comunidade escolar, mas os órgãos públicos também são essenciais na luta contra a violência escolar. Precisamos de uma ação maior por parte da Patrulha Escolar e do Conselho Tutelar, tendo uma ação efetiva nos casos de violências graves por parte dos discentes. Roubos, depredação do patrimônio, tráfico e uso de entorpecentes, são questões que não podem ficar impune. Uma ação efetiva por parte das autoridades deve ser pensada para que no futuro esses jovens não se tornem criminosos ou pessoas extremamente violentas, assim, como também uma rigorosidade dos núcleos de educação para que ações violentas dos profissionais da educação sejam fiscalizados e punidos de maneira coerente.

A profissão de educador é uma área muito sensível às implicações sociais, éticas e ideológicas. A atividade educativa é complexa e está em reconstrução

permanente. É preciso desenvolver a profissionalização dos docentes de forma continuada para que eles sintam-se seguros e atuem de forma coerente com suas competências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola passa por problemas graves, a violência vem dominando o cenário escolar de forma a impedir que o verdadeiro papel da escola seja atuante na vida da comunidade escolar. Tanto os docentes quanto os discentes vêm sofrendo as consequências dos diversos tipos de violência que acometem a escola, desde as pequenas incivilidades até mesmo as formas mais graves de violência, como ameaças, roubos, agressões físicas entre outras.

Não podemos dizer que isso é apenas culpa do corpo docente e discente, já que o que acontece dentro da escola é considerado reflexos da sociedade, só que em escala menor. Os reflexos da violência atingem todos os lugares e evidentemente, a escola é um deles. A escola assim perde seu caráter transformador e idealista e seus atores sofrem com uma problemática que vem assombrando a realidade, “alunos vitimados tornam-se agressores, agressores passam a ser vitimados, e o desrespeito move-se furtivamente das relações entre alunos para as relações entre alunos e professores, e então para as interações entre professores e alunos”. (BEAUDIOIN, 2006, p. 18)

A escola é um espaço onde diversos conflitos de interesses convivem diariamente, mas não podemos deixar que a violência escolar apresente-se como um fenômeno aceitável e tolerável. A ausência de uma providência combativa é uma das vertentes explicativa para tamanha violência nas escolas e na sociedade. A impunidade só faz com que a “normalização” da violência seja mais explícita.

Não há medidas ou soluções mágicas, mas deve haver uma mudança na postura daqueles que sofrem todo ou qualquer tipo de violência, para tanto é preciso que denunciemos toda e qualquer manifestação de violência e tomemos todas as atitudes necessárias para que a paz e o respeito sejam instaurados novamente no ambiente escolar. As mudanças devem ter como objetivo a sensibilização da comunidade escolar sobre a problemática da violência escolar, apontando os riscos das relações assimétricas e hierárquicas para o desenvolvimento e salientando a importância da participação de todos na construção de estratégias para enfrentar a violência.

É necessário que escola e a sociedade juntas desenvolvam mecanismos cujo objetivo seja a superação da violência escolar que, em muito toma de assalto

milhões de jovens e profissionais de educação, expondo a todos a uma situação de constrangimento e vergonha nacional.

REFERÊNCIAS

- ALÉSSIO, Fernanda Cristina. **A violência simbólica na escola:** uma abordagem a partir da visão de educandos e educadores. 2007. Dissertação (Mestrado) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL, Americana, 2007.
- ALSOP, Pippa; MCCAFFREY, Trisha (Orgs.). **Transtornos emocionais na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.
- AMARAL, Mônica (Org.). **Educação, psicanálise e direito.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ANTUNEZ, Serafin et al. **Disciplina e convivência na instituição escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Autoridade e autonomia na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.
- ARAUJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato. **Gênero e violência.** São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- ARRIETA, Gricelda Azevedo et al. **A violência na escola:** a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola. Canoas: Ulbra, 2000.
- BEAUDOIN, Marie-Nathalie; MAUREEN, Taylor. **Bullying e desrespeito:** como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Cultura da paz e prevenção da violência.** São Paulo: Loyola, 2003.
- BLIN, Jean-François; DEULOFEU, C. G. **Classes difíceis:** ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRAGANÇA, Grazielle Avellar. **A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar.** 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 29-45, jul. 2003.

DORNELLES, Beatriz (Org.). **Brasil e o mundo: temas em debate na mídia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FERNANDES, Rogério. Da palmatória à Internet: uma revisitação da profissão docente. **Revista Brasileira da História da Educação**, Campinas, n. 11, p. 11 – 41, 2006.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da vivência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

KOLLER, Silvia Helena (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LA TAILLE, Yves de. Educação integral e valores da não violência. **Pátio: Revista Pedagógica**, Porto Alegre, v.6, n. 21, p. 14 – 18, 2002.

LIMA, Luiz Paulo Ribeiro de. **Violência escolar e mídia impressa: uma comparação entre a realidade vivida e o discurso dos jornais**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. São Paulo: Annablume, 2007.

MEDEIROS, Teresa Régia Araújo de. A participação da família na prática curricular da educação infantil. **Pátio: Revista pedagógica**, Porto Alegre, v.7, n. 28, p. 46 – 49, 2004

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NOGUEIRA, Paulo Lucio. **Estatuto da criança e do adolescente comentado**. São Paulo: Saraiva, 1996.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RAPOSO, Fernanda Carvalho Ramalho. **Fracasso escolar**: a voz de quem sofre as suas consequências. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

SCHMIDT, Denise Pasqual. **Violência como uma expressão da questão social**: suas manifestações e seu enfrentamento no espaço escolar. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal De Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

TARDELI, Denise D'aurea. **O respeito na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEVES, Nilda; RANGEL, Mary (Orgs.). **Representação social e educação**: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas: Papirus, 1999.

